



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NELSON RUBENS SAUL E GISELA STRAUSS SAUL

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-97

Entrevistado: Nelson Rubens Saul e Gisela Strauss Saul

Nascimento: 21/03/1930 e 16/02/1937

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Luanda Dutra e Camile Romero

Data da entrevista: 15/03/2005

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 97/01-A e 97/01-B

Total de gravação: 45 minutos

Páginas Digitadas: 31

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01930/2008/01

Número de registro da fita: 01930/2008/01

Observações: Após a leitura da entrevista, os entrevistados alteraram seu conteúdo, resultando nessa versão que não corresponde às fitas gravadas.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SAUL, Nelson Rubens; SAUL, Gisela Strauss. *Nelson Saul e Gisela Saul (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Envolvimento com o esporte; opção pela educação física; participação em clubes; viagem para a Alemanha; participação na ginástica; incentivo de professores; cotidiano da Escola: professores, disciplinas, uniformes; demonstrações junto com a Escola; locais onde eram realizadas as práticas da Escola; participação na seleção da ESEF; hino da ESEF; atuação em escolas; período como professores da Escola: espaço físico, materiais, alunos, fatos pitorescos, aulas de ginástica, demonstrações, notas; momentos marcantes na Escola.

Porto Alegre, 15 de março de 2005. Entrevista com Nelson Rubens Saul e Gisela Strauss Saul, a cargo da entrevistadora Luanda Dutra, para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Então vamos começar pelo seu Nelson por que Educação Física e como ela entrou em sua vida?

N.S. - Bom, desde guri eu já era meio metido no esporte, jogava futebol, fazia muitas atividades, nadava no União¹... Comecei a nadar no União. Com 11 anos ainda estava no União, joguei futebol até os 17 anos. Quando eu machuquei meu joelho eu tive que trocar de esporte.

L.D. - Senão o senhor seria jogador?

N.S. - Como eu não queria operar o joelho, eu me propus a parar, mas, parar definitivamente, eu não ia. Então eu procurei um esporte que eu pudesse usar mais os braços e achei a ginástica olímpica. Quase ninguém conhecia a ginástica e fui indo. Aí disputamos campeonatos brasileiros.

L.D. - Por que entrou?

N.S. - Porque eu achei que eu dava melhor ensinando do que fazendo. Então eu juntei os dois, aprendi os movimentos e ensinava para os meus companheiros, porque nós não tínhamos técnicos. Então ia inventando, via uma coisa ali, uma fotografia lá, dava uma viajada. Entrei em 1952 para a Escola².

N.S. - E eu gostava de estar sempre na rua, ao ar livre, no sol. “Vai ser aqui o meu caminho, vai ser esse mesmo”.

L.D. - E a Dona Gisela, como é que entrou lá?

¹ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

G.S. - Fui esportista desde pequena, com 05 anos já competia em natação. Depois me afastei alguns anos porque eu não morei aqui. Quando eu voltei, voltei na Escola, que tinha uma professora de Educação Física que me ensinou, muito entusiasta que dava a maior força, muito boa professora de Educação Física. Fui realmente influenciada a seguir, essa parte, a Educação Física. Depois fui para o atletismo, joguei vôlei, basquete, fui várias vezes campeã da cidade, estadual de basquete e voleibol. E eu era muito moça na época. Então eu me influenciei pela atividade que eu praticava. E com a professora maravilhosa que eu tinha, continuei naquele ritmo.

L.D. - Lembra o nome da professora?

G.S. - Marta Cargi³. Entrei na Escola com 15 anos recém feito. Quer dizer, quando eu fiz o vestibular eu ainda não tinha 15 (anos), eu tive que repetir o primeiro ano da Escola porque só podia entrar com 16 (anos). Então eu prestei vestibular com 15 e entrei com 16. Foi por isso que eu fiz em três anos que eu tive que repetir o primeiro ano.

N.S. - 1953 fui para Alemanha com a ginástica, fiz um curso na Alemanha. Como eu era atleta e um campeonato mundial que tem ginástica olímpica e dentro ofereciam para quem era aluno de esporte e educação física, ofereciam um curso de especialização. Onde fiz a especialização.

L.D. - Quantos anos o senhor ficou?

N.S. - Fiz seis meses.

G.S. - Mesmo 6 meses sempre tirei primeiro lugar na Escola. Assim mesmo, tive que repetir por causa disso. Repeti também o ginásio, a 5º série do ensino fundamental porque não tinha idade para entrar no Ginásio. Minha vida foi toda assim. Aí nós nos conhecemos na Escola, começamos a namorar e, quando nós nos formamos em 1954, nós noivamos e casamos em 1956. Tinha uns vários empregos, porque um só não dava para sustentar a família. Nós nos casamos em 1956. Vamos fazer Bodas de ouro o ano que vem.

² Escola de Educação Física da UFRGS

³ Nome sujeito a confirmação

L.D. - E como é que vocês faziam, porque era homem separado de mulher. E as excursões?

N.S. - A excursão em Cachoeira foi onde deu o “tchan” [risos]. E aí continuamos. Nesse ano de 1954 fui para Itália, para Roma⁴, no Mundial.

G.S. – É, mas não perdeu o ano.

N.S. - Sempre assim. Então chegou a formatura, nos formamos juntos. Aí começamos a procurar emprego e trabalhar. E eu dentro da Ginástica era o que eu fazia porque nós tínhamos um professor, Black⁵ que era da Escola. A quem eu devo muito. Depois de 1960, quando eu entrei, fui assistente dele e, quando ele se aposentou, eu assumi a parte dele. Ele foi o meu guru. Então nós fazíamos o seguinte, a gente viajava, trazia as coisas.

G.S. - Era só eles mesmo, o professor Black era Ginástica Rítmica depois.

N.S. – É, ele era da ginástica rítmica, grande professor da ginástica rítmica.

G.S. - Grande professor.

L.D. - E vocês eram olímpicos?

N.S. - Eu era olímpico, inclusive na Escola que a gente dava os cursos, ele ia para ginástica rítmica e eu dava ginástica olímpica, nós viajavamos juntos. Eu estava junto da ginástica rítmica, a ginástica de solo, a ginástica feminina. Tinha parte minha também. Então a gente fazia junto, viajava junto, ia para dar curso nesse Brasil..

L.D. - E como foi o vestibular de vocês? Como era?

G.S. - Foi vestibular interno.

⁴ Capital Italiana

⁵ Karl Black

N.S. - É que, na época, aconteceu o seguinte: a Escola estava com carência de alunos. Então eles fizeram uma exceção, quer dizer, que não precisava ter a...

L.D. - Vestibular.

N.S. - Não. O segundo grau, que naquela época era o científico.

G.S. - É. No ginásio.

N.S. - Era o científico e o clássico. Para depois fazer o vestibular. Como a Escola estava carente de alunos, abriu essa brecha para nós entrarmos. Eu estava fazendo contador.

G.S. - E eu estava terminando o ginásio.

N.S. - No segundo ano de contador e ela estava saindo do ginásio. Já entrou direto.

G.S. - Tinham professores inspetores. Olha, o negócio funcionava.

N.S. - Isso aqui agora está muito fácil, porque, naquela época, tinha o carro de fogo!

L.D. - Carro de fogo?

N.S. - Carro de fogo era o seguinte: você podia ter trinta faltas. Então se você estava dispensada por... Machucada e coisa, você perdia 1 ponto. Você podia perder 3 pontos. Dispensava era 01 ponto. Cada falta três pontos.

L.D. - Então não podia faltar.

N.S. - Então dez faltas tu estava fora da Escola e estava mesmo, botavam para fora.

G.S. - Mas eram professores maravilhosos!

N.S. - Estando machucado, mesmo dispensado, tu assistia a aula.

G.S. - Assistia a aula.

N.S. - E perdia 1 ponto porque não praticava.

G.S. – Dona Marina⁶. A inspetora famosa Dona Marina.

N.S. - Olha, ela ia no vestiário e examinava para na saída.

L.D. - Como era o uniforme e como que ia para a...

G.S. - O uniforme... E a blusa era abotoada em baixo para não ter perigo de sair para fora do calção.

N.S. - Tu vais ver nas fotografias, tudo e o calção como era.

G.S. - Calção, e tu acha que a gente podia entrar com meia diferente? Não!

N.S. - Nós tínhamos que ter o uniforme, uniformizado. Era o seguinte os uniformes: se tu ia sem uniforme, tu perdia um ponto.

L.D. - Ah! Tu não podia fazer nada se não perdia um ponto.

G.S. - É. Era tudo assim. Era aquele azar, o negócio pegava. Tínhamos um uniforme de gala para o desfile, era um vestido branco. O diário, o abrigo e o de gala que era o vestido branco.

L.D. - E vocês tinham que comprar isso?

G.S. - De pique [risos].

N.S. - O vestido era de pique. E nós tínhamos o nosso uniforme que era uma calça azul marinho e a camiseta da ESEF.

N.S. - Toda a festa dos bixos foi feita no próprio Campus do Cruzeiro⁷. Nós temos fotografias que tu pode ver. Recebiam um apelido, um era garça, outro era marreco, era tudo assim, eram bichos.

G.S. - Eu era garça.

N.S. - O meu era macaco porque era da ginástica, vivia pendurado, dava muita cambalhota [riso] e nos pintaram todo. Batom, mas era uma festa interna, no próprio campus da Escola que era no campo do Cruzeiro antigamente. Hoje é o João XXIII⁸. Eu tenho as fotografias todas de lá. Eu dei, agora está com essa moça.

L.D. - E como eram as aulas, era de manhã, de tarde?

N.S. - De manhã, só pela manhã.

L.D. - Muito cedo?

G.S. - 7:30.

N.S. - 7:30 nós estávamos na fila já. Atrasado, perdia um ponto [riso]. Tinham naquela época os JUGEFE e participávamos.

G.S. - Jogos Universitários de Educação Física, gaúcho de Educação Física.

L.D. - Ah que legal! Isso não tem mais.

N.S. - Fiz também um JUBEF, jogos brasileiros de Educação Física que constava de ginástica, atletismo, futebol, voleibol, todos os esportes, só de alunos de educação física.

G.S. - Fora as demonstrações que tu montaste como os teus alunos.

⁶ Marina de Oliveira Ismael

⁷ Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913

N.S. - Aqui tem fotos da Escola, tem da SOGIPA⁹, agora também entrei no museu da SOGIPA.

L.D. - Ah! Tu estavas olhando lá... E como é que era o... E qual era a matéria mais difícil para vocês?

G.S. - Cinesiologia, Dr. Ruy Gaspar Martins, o famoso. Foi ótimo porque eu fui a única que não fiquei em recuperação. Ele era o terror da Escola na época.

L.D. - É me falaram que ele não dava nota dez para ninguém.

N.S. - Aqui ó...

G.S. - Eu me formei por média com ele.

N.S. - Essa aqui é a seleção gaúcha, era equipe da ESEF feminina de voleibol [mostra fotografias].

L.D. - Que legal. E para o senhor seu Nelson, qual foi a cadeira mais difícil?

G.S. - A única cadeira que ele ficou em recuperação foi cinesiologia.

N.S. - Mas depois eu me vinguei. Eu tirei dois dez e...

G.S. - Na segunda época.

L.D. - E como era a relação dos professores com os alunos, era distanciada?

N.S. - Esse era outro esporte que eu fazia, salto com vara. Quando estava na Escola comecei a fazer salto com vara.

⁸ Cemitério Ecumênico João XXIII, fundado no dia 27 de abril de 1972.

G.S. - Não era essa familiaridade que é hoje em dia. Mas nós tínhamos uma relação de respeito com os professores. Bastava eles falarem uma vez e todo mundo atendia. Não tinha essa bagunça, entra e sai, uniforme e não uniforme. Não se sabe hoje em dia quem está dentro da Escola. Eu sei pelo meu neto, eu acho um horror ele nunca está de... Não tem uniforme, não tem mais nada. A gente não sabe quem está lá. Nós tínhamos série, corrida. A turma toda era seriada, não era...

N.S. - Seriado.

G.S. - Tal disciplina com tal turma e coisa. Não era corrida, era seriada, primeiro e segundo ano.

N.S. - Gozado...

G.S. - Nós é que fizemos em três. Eu por causa da idade e ele por causa da viagem.

L.D. - Era dois anos?

G.S. - Dois anos.

L.D. - E vocês chegaram a pegar quando ele foi para o Jardim Botânico¹⁰?

G.S. - Eu não. Ele foi professor no Jardim Botânico. Mas, como alunos, não.

L.D. - E como é que... Vocês não tinham aulas de natação?

G.S. - Sim. Nós íamos para o Grêmio Náutico Gaúcho¹¹ ou União.

⁹ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

¹⁰ Bairro da cidade de Porto Alegre.

¹¹ Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

N.S. -. Não. Na época da Escola não tinha piscina. Nós tínhamos só o campo de futebol que nós fazíamos o atletismo, o futebol e tinha as quadras de basquete e voleibol que era no campo do Cruzeiro. E a natação era feita no Grêmio Náutico Gaúcho.

G.S. - E o União também.

N.S. - Outra época foi no União. Isso já foi comigo, já na época que estava na Escola.

G.S. - Não, mas eu também peguei o União. Eu tenho as...

N.S. - Não. Então o União lá no rio.

G.S. - Tinha um ônibus que nos levava...

L.D. - No Rio Guaíba?

N.S. - No Rio Guaíba, quando o União era no Guaíba.

G.S. - Não, não. No rio tu fizeste no Julinho¹². O nosso foi no Grêmio Náutico Gaúcho e depois no Grêmio Náutico União, na piscina da Quintino¹³ ali.

L.D. - E os horários separados também lá? Mulher num horário e homem no outro horário? As turmas separadas?

N.S. - As teóricas eram juntas, as práticas separadas.

G.S. - Separadas, claro. E as teóricas eram juntas.

N.S. - Eram separadas, aí eu...

L.D. - Quem foi o professore de vocês de natação?

¹² Colégio Estadual Júlio de Castilhos, fundado em 23 de março de 1900

¹³ Quintino Bocaiúva, rua localizada no bairro Moinhos de Vento na cidade de Porto Alegre

N.S. - De natação, Derick¹⁴, Tony¹⁵...

G.S. - O pai da professora que faleceu, Lenia Gaelzer¹⁶, o pai dela. Ela foi nossa colega de turma. Faleceu num acidente.

N.S. - Nesse JUGEFE foi em 1962, não sei não daquela época, eu tenho diversas...

L.D. - Como era para entrar na seleção da ESEF de vôlei? Tu optava ou o professor que escolhia?

G.S. - Não o professor que escolhia.

L.D. - Com os melhores ele formava a seleção da Escola?

N.S. - Sim. Seleção da Escola que, depois na seleção Universitária, foram os melhores. Geralmente era assim, o basquete e o voleibol eram todos praticamente da Educação Física. A ginástica também, tudo da Educação Física. Só o futebol que misturava, pegava da engenharia, pegava... Mas da seleção era...

G.S. - Mas esgrima era com o professor Pandolfo¹⁷.

L.D. - Carlos Pandolfo?

G.S. - Carlos Pandolfo era professor de esgrima. Dona Tony e a Lya Bastian Mayer¹⁸ ginástica rítmica, professor Valdir Echart¹⁹ basquete, Dona Olga²⁰ de voleibol...

N.S. - Ney Ceres²¹ ...

¹⁴ Derick Oscar Ely

¹⁵ Antônia Seitz Petzhold

¹⁶ Lenêa Gaelzer, filha de Frederico Guilherme Gaelzer

¹⁷ Coronel Carlos Pandolfo

¹⁸ Eliane Clotilde Bastian Meyer Schmitz

¹⁹ Waldir Calvet Echart

²⁰ Olga Valéria Kroeff Echart

N.S. - Rodrigues Ceres professor de ataque e defesa.

G.S. - De ginástica geral, Dona Quintina²².

N.S. - Nós tínhamos boxe, luta livre e judô. Judô estava entrando, estava começando. Ataque e defesa era essa cadeira que abrangia esta parte.

G.S. - Nós tínhamos canto, professora Quintina ginástica geral. Canto com a professora Maria Moure²³.

N.S. - Tinha o canto coral. Nós tínhamos que hastear a bandeira todos os dias.

G.S. - Era a Escola...

N.S. - Escola de Educação Física.

L.D. - Hastear a bandeira! E também o hino da ESEF que a gente achou lá!

N.S. - “Mocidade do Brasil Avante...”²⁴

G.S. - A letra eu também não me lembro... “Mocidade do Brasil Avante!” [cantarolam os entrevistados]. Eu tenho o hino da Escola.

L.D. - Aí tinham que cantar o hino Nacional e depois o hino da ESEF.

G.S. - Não isso era na solenidade.

N.S. - Solenidade.

²¹ Ney Serres Rodrigues

²² Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini

²³ Nome sujeito a confirmação

²⁴ Música do maestro Natho Hehn; letra do jornalista Paulo Antônio Moritz: “*Mocidade do Brasil, Avante! Cultivemos a beleza do corpo. Melhorando a nossa raça. À Pátria dedicando esse Ideal. Que é de força e nobreza sem par (bis). Assim cantando, marchemos sem temor. Todos nós somos da Pátria. Uma Esperança. E cultivemos com fé e ardor. Nossa missão!*”.

G.S. - Tinha o hino da ESEF, já existia o hino da ESEF. Eu não sei se alguém canta, mas claro que deve existir.

L.D. – Nós não temos ele gravado, queríamos ter, achar, mas...

N.S. - Essa relação de professores que nós estamos te dando aí, já te deram os outros também?

L.D. - Alguns sim outros não.

N.S. - Tinha o professor Carlos Black²⁵, ginástica de aparelhos e de solo.

N.S. - Moreira²⁶. Coronel Moreira. O Fredolino Taube²⁷. Senhor Taube era do atletismo.

L.D. - Ele era rígido?

G.S. - Sim. Durão.

N.S. - Bastante. Mas não tinha nenhuma moleza.

L.D. - Era só médico e militar?

N.S. - Era.

G.S. - Médico. O médico também era o professor Ary Mariante²⁸.

N.S. - Tinha o Coronel Targa²⁹. Era fogo! Olha aqui não é fácil!

G.S. - O ano passado nós recebemos o primeiro Troféu Jacinto Targa, nós dois.

²⁵ Karl Black

²⁶ João Gomes Moreira Filho

²⁷ Fredolino Adalberto Ricardo Taube

²⁸ Ary da Costa Mariante

²⁹ Jacintho Francisco Targa

N.S. - Era uma Escola de Formação!

G.S. - No ano passado.

N.S. - Mas aí a evolução veio vindo, veio vindo facilidades.

G.S. - A gente levava a sério mesmo!

N.S. - Nos últimos anos quando eu já era chefe de departamento e... Já mudou o aluno completamente.

G.S. - A própria juventude mudou...

N.S. - Não tinha mais uniforme!

L.D. - Vocês têm os uniformes de vocês?

G.S. - Não. Guardar muita coisa, eu não tenho condições.

N.S. - Não, mas nas fotografias tem os uniformes.

G.S. - Pois é, as fotos estão meio... Nós temos aquele do desfile.

N.S. - Mas até na tua formatura tem os uniformes, uniformes da tua formatura, essas estão nítidas.

G.S. - Vestida da formatura, vestido de gala mesmo.

L.D. - Então vocês se conheceram numa excursão!

G.S. - Não! Nós nos conhecemos na Escola. Nós éramos colegas.

N.S. - Nós competimos juntos no atletismo.

G.S. - Aí começamos a namorar... Competimos no atletismo.

N.S. - No dia da competição. Eu tenho até recortes de jornais aqui. Neste álbum que tem aí... Naquele dia ela ganhou o salto em altura.

G.S. - 52 (1952).

N.S. - 52 (1952), julho de 52 (1952). Eu ganhei o salto com vara e tirei terceiro no arremesso de dardo e terceiro, parece, que foi no salto triplo. E ela no peso tirou segundo.

G.S. - Segundo. E ganhei os 200 metros, parece.

N.S. - E ganhou o salto em altura [palmas ao fundo].

L.D. - Vocês se destacaram e um olhou para o outro...

G.S. - Não.

N.S. - A gente treinava junto na Sogipa. Era na Sogipa.

L.D. - Era na Sogipa as competições da ESEF.

N.S. - Lá era campeonato estadual. Eu me refiro ao campeonato de... Isso foi um campeonato que a gente competia pela Sogipa e estudava na Escola. Íamos para Sogipa porque o Fredolino era o técnico da Sogipa. Então ele pegava os alunos e levava para lá e...

L.D. - Claro, daí ele levava...

N.S. - E formava atletas, por isso ele chegou lá.

L.D. - Se ele era rígido, como que vocês conseguiram?

N.S. - Porque nós... Tinha que cumprir, tinha que ter um diploma. Então tu gostava da coisa. A gente fazia aquilo por prazer, tu não sentia nada.

L.D. - Vocês tiveram professor de remo?

N.S. - Tivemos professor de remo também, professor Derick Ely.

L.D. - O Derick também. Depois que saiu da Escola o senhor não ficou muito tempo fora dela? O que o senhor fez até entrar de novo como professor?

N.S. - Saí da Escola em 55 (1955) foi quando eu terminei o curso técnico. E em 55 (1955) até fui para Sapiranga. Aqui não tinha emprego, estava tudo... Então eu comecei em Sapiranga e naquela época eu dava aula em Sapiranga, Novo Hamburgo, São Jacó em Canoas³⁰, no São Luís e em 58 (1958) entrei no Julinho.

G.S. - Sogipa?

N.S. - Entramos no Julinho. Eu entrei no Julinho.

G.S. - Eu entrei em 60 (1960) e poucos...

N.S. - Larguei algumas Escolas, fiquei só em Sapiranga e no Julinho. E aí fui chamado para Escola. Então peguei.

G.S. - Uma certa época, nós aqui trabalhávamos em oito lugares.

N.S. - Então peguei o cargo de Sapiranga e lotei na Escola. Fiquei temporário, era a disposição e comecei mesmo na Escola em 59 (1959). Mas eu tinha os outros que eu estava a disposição, algumas aulas eu dava lá. Até que, em 60 (1960), eu fui para lá em definitivo.

L.D. - Quem lhe chamou foi o professor...

N.S. - Carlos Black.

L.D. - Carlos Black para dar aula de ginástica olímpica.

N.S. - É.

L.D. - E como foi a entrada? Quem era o diretor quando o senhor entrou?

N.S. - Acho que era o Targa. Bom, quando a Escola começou ali foi em 63 (1963). Tinha o ginásio e as salas de aula, ali em cima, naquele corredor que tem ali. As aulas de ginástica olímpica eram dadas entre a cancha de basquete e voleibol, naquele corredor largo ali. E instalei os aparelhos de ginástica. Então tinha aula de vôlei de um lado e aula de basquete do outro e eu, nomeio do ginásio. De vez em quando passava uma bola...

G.S. – E, muitas vezes, ia para a rua. Depois tu fizeste uma sala lá em cima.

N.S. - As aulas do solo eu dava na rua, naquele gramado que tem ali na frente, naquele lado ali.

G.S. - Naquele jardinzinho que...

N.S. - Tinha um baita de um pinheiro ali. Essa fotografia em 63 (1963), ele era desse tamanhinho. Depois nós plantamos ele ali. Se tu ver agora está ali ainda o pinheiro estanque. Então naquele gramado eu dava aula de solo. E eu tinha cama elástica e botava ali então. As aulas eram ali. Todo mundo em volta assistindo as aulas que eram dadas. Então era uma função. Olha aqui, sensacional. Era os caras tomando refrigerante, tudo ali em volta. Eu dando aula ali no meio. Já viu um negócio desses, minha filha?

L.D. - Nossa...

N.S. - Até que eu consegui uma sala. Aquela sala primeira lá em cima que agora é ginástica rítmica, parece que é. Ali botamos todos os aparelhos. Aqueles aparelhos todos

³⁰ Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

eu troquei com a Sogipa, consegui aparelhos e coloquei lá. Até esperar fazer este ginásio novo. Poli Espírito do Santo era o professor de higiene.

G.S. - Professor de higiene e de...

N.S. - Professor Poli.

G.S. - Poli Marcelino Espírito Santo.

L.D. - Ele morreu o ano passado com 101 anos.

N.S. - É esse aí.

L.D. - Nossa! E como o senhor conseguiu os equipamentos, o senhor negociou com a Sogipa uns, o senhor fez?

N.S. - O que tinha de velho nós íamos usando. Depois nós ganhamos todo um jogo de aparelhos do Japão.

G.S. - Isso depois da Universíade³¹!

N.S. - Que veio para Universíade. Depois nós...

G.S. - Universíade 63 (1963).

N.S. - Quando teve a Universíade da ginástica, eu fui diretor.

G.S. - Ele fez tudo na ginástica.

³¹ Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

N.S. - E o japonês, senhor lá da FAB³², deu um jogo de aparelho de presente, só que o jogo não pôde ser usado, porque ficou preso na alfândega e não deixaram usar. Era doação. Foi uma confusão sem tamanho.

G.S. - Mas felizmente ele foi para o...

N.S. - Aí fizemos com aparelhos nacionais e eram mais ou menos. Não podemos usar os novos...

L.D. - E o outro ficou lá?

N.S. - Ficou lá. Não desembarcou, ficou. Depois da competição, eles liberavam. Coisas de “Brasil”.

G.S. - Burocracia.

L.D. - E como era dar aula no meio, tinha um professor gritando no vôlei, aquele ginásio ecoa. Outro basquete e bem no meio ginástica olímpica.

G.S. – Dava. Todo mundo era jovem naquela época, quebrava o galho.

N.S. - Não se gritava como agora.

G.S. - Não se gritava como agora realmente.

N.S. - Não tinha essa ‘berraçada’ que tem o voleibol.

G.S. - Até nisso mudou.

[FINAL DA FITA 97/01-A]

³² Força Aérea Brasileira

N.S. - A gente pode ver num arremesso, nesse que os grandes atletas fazem. O berro é depois do arremesso, reparou? Antes ninguém grita! Porque tu precisa [riso], tu vai dar descontração para aí então... É, depois. Hoje em dia a aula de aeróbica é uma vergonha para mim, muita gritaria.

L.D. - E teve algum aluno que o senhor se lembra, de alguma aula, algum momento de uma aula que o senhor guardou na memória, que ficou marcado?

N.S. - Ah, diversas...

G.S. - Várias...

L.D. - Conta então!

N.S. - Tem cômicas, tem cenas cômicas.

G.S. - Ah! Isso que tu queres! [riso]

N.S. - Tu sabe que o uniforme da Escola era obrigatório, se estava de abrigo, mas tinha que ter calção por baixo. A minha aula era feita só de calção, ninguém fazia a aula de abrigo. Porque o abrigo é para abrigar do frio. O trabalho tem que ser feito sem abrigo. Após o trabalho, se põe o abrigo para não esfriar. Entendeu como é que é? E tu usando o abrigo, tu rasgava e acabava dando problema. Bom, na época de inverno tinha que ter calção por baixo. Isso era... Teste. Quando eu chegava em aula, tinha que baixar para mim ver que estava de calção. Toda vez. Bom, mas depois fui indo, dando aula para meninas e rapazes. Uma vez eu fiquei com as calças da guria aqui e ela saiu de dentro assim. Foi um vexame, um caos! Foi uma coisa, aquilo [riso].

L.D. - Ah, coitada! [riso]

N.S. - Por isso que tem na ginástica isso aí. Porque eu dava muito trabalho de auxílio, um cuidando o outro. Porque o ginasta são três, o que faz e dois que auxiliam, que cuidam, porque acrobacia é perigosa mesmo. E nós, na época, não tínhamos tanta proteção como

agora. Agora tem colchões, tem cinturão. Antes não tinha nada disso, era um tapetezinho...
Então...

L.D. - Então o senhor pegou as primeiras turmas mistas? Que misturavam...

N.S. – Sim, eu misturei as turmas. Aí a Escola começou a ser mista e começou...

L.D. - Por o senhor ter tomado a atitude, os alunos ficavam desconfiados? Como é que foi?

N.S. - Não. Não.

G.S. - Não.

N.S. - Foi feito pelo Conselho da Escola. Foi uma reunião de professores e tudo que era a evolução, tinha que ter então...

L.D. - E foi tranquilo?

G.S. - Foi tranquilo.

N.S. - Foi normal. Tinha que ter, então...

L.D. - Se matriculavam mais homens ou mulheres?

N.S. - Geralmente mulher tem mais que o homem. Mas foi bom, não teve problema nenhum.

L.D. - E um fato que o senhor ficou bravo com um aluno?

G.S. - Ele era durão.

N.S. – Não, eu... Muitos alunos ficavam bravos comigo e coisa, porque eu não permitia dispensa. Um aluno machucado no punho não podia apoiar, não podia pendurar, mas podia

correr, fazer abdominal, saltar. Então tinha trabalho para ele. Quando tinha que apoiar, ele não fazia, ficava ali e não fazia. Fazia o trabalho de salto.

L.D. - Fazia outra coisa.

N.S. - Se estava no tornozelo não podia correr, não podia saltar, mas ele podia se pendurar, se apoiar, fazer abdominal, porque na aula de ginástica tem de tudo.

G.S. - Até hoje tem aluno dele que...

L.D. - Dá para adaptar.

N.S. - Então pode substituir, não é?

G.S. - Os ex-alunos dizem que a pior matéria prática para passar era contigo.

N.S. - É, era comigo. Do carro de fogo, eu te falei o seguinte...

G.S. - Eles tinham que fazer força.

N.S. - Os alunos tinham que fazer barra, exercícios básicos. Tinha que sair da Escola sabendo fazer uma parada de mão, tinha que fazer... E um salto. E, na barra, tinha um que era um elemento básico e...

G.S. - Também não era assim...

N.S. - No salto em cavalo, ele tinha que saltar o cavalo.

G.S. - Esse era o bravo, mesmo!

N.S. - Aí que era o problema [riso]. Mas tu tinha que saltar. Eu ensinava o caminho para ele, fazia exercícios chamados educativos. Hoje em dia não se fala mais nisso.

L.D. - Falam...

N.S. - Então é uma série de exercícios que vai chegar a um propósito, num objetivo final.

G.S. - É a base do esporte.

N.S. - Ela falou na base do esporte. Então eu lhe digo: o atletismo é um esporte base que são as três atividades naturais: correr, saltar e arremessar. A ginástica é a base.

G.S. - É a base de tudo.

N.S. - É a base disso tudo. É a preparação física do atleta.

G.S. - Quem faz ginástica olímpica, faz qualquer esporte.

N.S. - Porque tu trabalha braço, perna, tudo, desenvolvimento coordenado.

G.S. - Musculação, tudo!

L.D. - Então a avaliação da sua cadeira era uma avaliação prática?

G.S. - Era.

N.S. - Muito e tinha que subir na corda. E todo mundo sem auxílio das pernas e as gurias também tinham que subir na corda.

L.D. - E aí elas subiam chorando, mas subiam.

N.S. - Elas treinavam. Eu mostrava como tinha que fazer.

G.S. - O que é gostoso de ver é que até hoje ele encontra ex-alunos e colocam-no lá em cima. Um dos melhores professores que tiveram. Impressionante. Adoram ele, mesmo

durão, mesmo sendo exigente. Mas o que aprendiam com ele, o que aplicavam depois, foi incrível.

N.S. - Então era assim: se você saltar do cavalo, está com o diploma na mão [riso]. A minha disciplina era praticamente o...

L.D. - Ai meu Deus! A peneira...

G.S. - O teu irmão que viu o 'oba-oba' que era.

N.S. - Tu joga basquete, joga vôlei, tudo bem. Ali não.

G.S. - Tu também pode tapear bastante basquete e vôlei.

N.S. - Ali tu tinha que ter...

G.S. - Tinha que saber fazer.

N.S. - E as gurias faziam também. Não, obviamente, na mesma proporção do homem, mas para elas que era o salto no cavalo, que era grupado ou afastado, mas sempre chegava o caminho. Era esse, chegavam, colocava elas para fazer os saltos no final.

L.D. - E em relação a algum aluno que tenha se destacado, que o senhor se lembre?

N.S. - Ah, eu tenho diversos alunos.

G.S. - Muitos.

L.D. - Podem falar os nomes completos? De repente a gente pode até achar um...

G.S. - Esses que estão... Esse que está dando aula na Escola agora, o Oliva³³. Foi um dos melhores alunos.

N.S. - O Oliva foi meu monitor.

G.S. - O Pelé³⁴ também não foi teu aluno?

L.D. - O Oliva? Então, ele dá a mesma aula que o senhor! Tem que sair fazendo de lá!

G.S. - O Oliva é bem aluno dele.

N.S. - O Oliva entrou na Escola, eu criei ele e botei de meu monitor e ele ficou no meu lugar.

G.S. - O Pelé também não era?

N.S. - O Pelé.

L.D. - O Pelé está lá.

N.S. - O Pelé foi outro, foi ginasta meu lá no União.

L.D. - E por que Pelé? Ele contou uma vez para gente, mas...

N.S. - Ele foi o Pelé desde pequeno. Não sei. E outras coisas que eu fiz, também tínhamos uma equipe de ginástica. Eu fazia jogos de ginástica para crianças, escolares. Reunia quatrocentas, quinhentas crianças até.

L.D. - Fazia com os alunos?

G.S. - Com os alunos da Escola.

³³ João Carlos Oliva

³⁴ Jorge Luiz de Souza

N.S. - Com os alunos. Os alunos da Escola como juízes e controlando.

L.D. - E aí eram...

N.S. - Eram doze bancas de juízes para quatrocentas crianças. Quando inauguraram o Beira Rio³⁵, montamos uma demonstração de salto de cavalo, foi até para a televisão, foi tudo gravado. Deve ter tudo isso lá, eu não tenho nada. Devia ter. Nós inauguramos o Beira Rio, fizemos uma baita demonstração naquele campo lá. A Escola fazia demonstrações, viajava e fazia demonstrações.

G.S. - É.

N.S. - Não tem mais, terminou tudo. Os aniversários da Escola, a parte de Ginástica Olímpica, Ginástica Rítmica faziam demonstrações.

G.S. - Tudo o Nelson montava. Sempre, todos os anos.

N.S. - A Marlene³⁶ que foi minha ginasta. Professora Marlene Rodrigues, pode colocar também aí.

L.D. - A Marlene Koeche? Eu entrevistei ela também já.

G.S. - É. É.

N.S. - Ela fazia demonstrações na parte feminina e eu na masculina. A gente juntava tudo. E os alunos meus também e eles queriam fazer sempre para apresentar.

L.D. - E quando o senhor foi professor era departamentos de ginástica?

N.S. - Era departamento de ginástica e recreação e departamento de desportos, departamento de desportos aquáticos.

³⁵ Estádio do Sport Club Internacional inaugurado em 6 de abril de 1969

³⁶ Marlene Rodrigues Koeche

L.D. - E todos se relacionavam bem?

N.S. - E tinha o departamento de ataque e defesa, parece que era ataque e defesa, entrava esgrima, judô. Agora entrou capoeira e não sei o que mais. Agora está uma miscelânea, não sei mais como é que é. Escola, em 1968, entrou para a Universidade e ali ela entrou com as cadeiras de medicina, higiene, tudo era parte da medicina que dava. Socorros também e Urgência, tudo entrava na parte de...

L.D. - Medicina.

N.S. - Medicina era o professor Costa e Filho³⁷ que lecionava.

G.S. - Tem a professora Nilza Viana³⁸, de basquete.

L.D. - Os departamentos se davam bem?

N.S. - Sim.

L.D. - Vocês foram colegas do Paulo Hollerbach?

N.S. - Foi aluno. Ele salvou uma criança das araririnhas lá em Brasília³⁹. Se atirou dentro de um lago e tirou a criança..

G.S. - A criança caiu e ele foi lá pegar e...

N.S. - E as araririnhas pegaram ele.

G.S. - Ele morreu por infecção depois.

N.S. - O Carioca⁴⁰ foi meu aluno.

³⁷ Arnaldo José da Costa Filho

³⁸ Nilza Endress Vianna

³⁹ Cidade Capital do Brasil

⁴⁰ Paulo Gilberto de Oliveira

G.S. - Aqueles que estão lá foram alunos do Nelson. Todos os que estão lá foram alunos do Nelson.

N.S. - O Ricardo⁴¹ ...

G.S. - Todos eles.

N.S. - O Mário⁴². Quem mais?

L.D. - Quem está lá?

N.S. - O Adroaldo⁴³, o Kruel⁴⁴, o Mário, todos ali foram alunos meus.

G.S. - Todos ali foram alunos do Nelson.

L.D. - Então vou pedir para eles fazerem uma parada de mão [risos]. O Mário, eu vou pedir para ele.

N.S. - Olha aqui, a maior parada de mão lá da Escola, é daquele que está no tênis lá, o...

L.D. - Balbinotti⁴⁵.

G.S. - Balbinotti.

N.S. – Balbinotti. Fala para ele. Vai te contar quem sou eu! [riso] Fala para ele. Pergunta para ele sobre o Saul. Eu tinha... Era “A, B, C”, mas, no “A”, tinha “A” com estrelinha esse o “A mais” esse era o...

G.S. - Alguns saíram.

⁴¹ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

⁴² Mario Roberto Generosi Brauner

⁴³ Adroaldo Cezar Araujo Gaya

⁴⁴ Luiz Fernando Martins Kruel

⁴⁵ Carlos Adelar Abaide Balbinotti

L.D. - O Balbinoti era um...

N.S. - Tu tirava “A”, mas tinha que criar uma coisa tua. Eles tinham que criar alguma coisa. Então tinha “A mais”, “A” com estrelinha... Pergunta para ele o que é o “A” com estrelinha e o “S.U.”

L.D. - E o que era?

G.S. - Sem uniforme. Só pode ser o “S.U.”, sem uniforme [risos].

N.S. - A cada três “S.U.”, você ganha uma falta. Eu tenho várias fotografias lá com o uniforme da Escola. Está com essa menina, tudo isso aí.

L.D. - Agora eu quero que a Dona Gisela lembre de um momento muito marcante dentro da Escola.

G.S. - Muito marcante?

L.D. - Uma coisa especial que a senhora lembre?

N.S. - O marido dela [risos].

L.D. - Ai que amor!

G.S. - Onde eu conheci o meu marido.

N.S. - Marcou a vida dela, até hoje [risos].

G.S. - Sempre fui uma aluna assim ‘CDF’, certinha e... Me formei em primeiro lugar e participava de todas as atividades. Acho que momento especial, não...

L.D. - E as colegas?

G.S. - Foram ótimas, nos damos até hoje. Fizeram até a festa dos 50 anos o ano passado.

L.D. - Quem eram? Diz uns nomes para...

G.S. - Elida Rue⁴⁶, Gisela Silva⁴⁷... Ah, tem um momento! Uma particularidade e não um momento.

N.S. - A medalha!

G.S. - Ganhei a medalha de decathlon, mas o professor Echart, quando ficava bravo comigo, me chamava de Gisela, porque o meu nome escreve Gisela, mas é Gisela e todo mundo me conhece como Gisela. Então, quando eu estava fazendo coisa que o Echart não estava gostando: “Gisela!”. E eu já sabia [risos]. Para o professor Albert⁴⁸: “eu não posso entender como uma é Gisela e outra é Gisela e se escreve da mesma maneira”. E não era muito simples, era Gisela Strauss, bem alemã e outra Gisela Silva. Então tu pode imaginar o porquê que ele se indignava, que se escrevia da mesma maneira e se falava diferente [riso].

N.S. - A medalha que ganhava, que tu era melhor aluna e a outra que tu ganhou [riso]. Foi melhor aluna dois anos da Escola.

G.S. - Dois anos.

L.D. - Que medalha?

G.S. - No vestibular eu tirei segundo, depois fui a primeira sempre e aí veio uma turma que veio fazer um ano, meio ano de especialização, nem sei se foi especialização. O que eles fizeram Nelson? Eram professoras primárias e tinham...

L.D. - Esse aqui é o senhor [referindo-se a foto]?

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação

⁴⁷ Nome sujeito a confirmação

G.S. - Aqui Nelson.

N.S. - Esse sou eu, em 1954, em Roma.

L.D. - E tu, senhor Nelson, tem que lembrar de um momento marcante também.

N.S. - Olha aqui ó, essa aqui é uma revista alemã em 1953. Aqui ó, antes daquilo lá [foto Roma 1954] no “*Turner Fest*”. Eu era porta-bandeira do Brasil. E aqui eu também era porta-bandeira do Brasil!

L.D. - Um momento marcante seu Nelson, para e gente encerrar a entrevista. Depois vocês vão me emprestar essas fotos. Momento marcante, momento na Escola. Não pode falar que era o seu...

N.S. - Atual ou da época?

G.S. - Eu era tão fanática [riso].

N.S. - Atual é meu neto na Escola de Educação Física [riso].

G.S. - Nossas duas filhas são professoras de Educação Física [riso].

L.D. - Da época.

G.S. - Eu era tão fanática por esporte que eu joguei um Universitário com os dois dedos quebrados, engessados e jogando. Eu joguei o campeonato inteiro [riso].

L.D. – Ah, que horror!

G.S. - Quebrado, engessado, eu joguei.

N.S. - E outra que a equipe foi desclassificada, porque tinha sete jogadores de vôlei e...

⁴⁸ Nome sujeito a confirmação

G.S. - Isso foi depois, não durante a Escola.

N.S. - E ela estava grávida...

L.D. - Não falou?

G.S. - Não.

N.S. - Mas foi depois... Quando esperava nossa filha mais velha. Estava com 04 meses de gravidez e estava jogando o estadual.

G.S. - Ainda bem que era do mesmo sexo e não precisava se classificar. Essa foi muito...

N.S. - Um momento marcante, o que eu posso dizer...

G.S. - Foi tudo tão normal, tão gostoso, tão...

N.S. - Acho que foi a... Toda época da Escola foi marcante [toca o telefone].

G.S. - Foi muito boa, tanto os professores, os alunos.

N.S. – Tudo foi muito gratificante. Tenho certeza que os meus alunos saberão usar os meus ensinamentos.

L.D. - Vou agradecer a entrevista de vocês e vou dizer que o Centro de Memória⁴⁹ está a disposição de vocês para visitarem a Escola quando quiserem.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁴⁹ Centro de Memória do Esporte (CEME)